

wichtiger sind die Abwandlungen dieser Idee in der wirtschaftlichen, sozialen und politischen Wirklichkeit, angefangen von der Lehre der Physiokraten bis zum Programm der totalen Mobilmachung. Im Grunde handelt es sich um eine irrationale, metaphysische Sehnsucht, die in immer neuen Bildern und Maskierungen auftritt und selbst dann noch weiterlebt, nachdem die Unmöglichkeit des Perpetuum mobile auf der naturwissenschaftlich-technischen Ebene eingesehen werden konnte: In der Idee des Perpetuum mobile lebt die Sehnsucht, eine künstliche Welt zu schaffen, die sich wie der Makrokosmos aus eigener Kraft ewig bewegt und dem Willen des Menschen gehorcht. Insofern bedeutet das Perpetuum mobile weit mehr als eine naturwissenschaftlich-technische Spielerei. Wir dürfen in ihm ein Sinnbild abendländischen Menschentums sehen. Ein wichtiges Anliegen unserer Zeit wird es sein, diese Zusammenhänge klar zu durchschauen und damit im Abendland den Boden zu bereiten für eine neue, echt menschliche Haltung, die sich von der Faszination des Übermenschentums und all seiner verhängnisvollen Konsequenzen befreit. Ohne Zweifel fällt neben dem Philosophen und Mediziner gerade dem Ingenieur im Zuge dieser Besinnung und Neuorientierung eine verantwortungsvolle und entscheidende Aufgabe zu.

\*

## Alguns Problemas da Psicologia do Contato

Dr. Guenter Fleischhut

Com o termo **Psicologia do Contato** não queremos designar uma nova escola psicológica como surgiram tantas nos últimos decênios. Também não queremos afirmar que seja um ramo novo da psicologia — ainda não, pois tal afirmação seria prematura. Por enquanto significa apenas uma tentativa de alguns psicólogos modernos formularem, em termos novos, velhos problemas psicológicos e de descobrirem as bases e os tipos diferentes das relações inter-humanas. Não quer isto dizer que estas relações ainda não tenham sido estudadas; pois, precisamente, elas constituem o campo próprio da psicologia, que estuda o homem dentro do mundo e da sociedade. Achamos, porém, que muito pouca importância atribuiu-se ao outro, ao Tu, quando a psicologia descreve as camadas e estruturas do Eu. Pois justamente o Tu representa mais uma estrutura humana. Neste contato com o Tu, o Eu adquire uma nova categoria ou dimensão, realiza novas possibilidades. A finalidade do presente estudo é de dar uma introdução a esta problemática da Psicologia do Contato.

O tema das relações humanas já foi estudado por duas outras disciplinas, que exerceram forte influência sobre a psicologia. Inicialmente a preocupação pelo contato inter-humana surgiu no

campo da **filosofia**, onde hoje é um capítulo extenso. Podemos até afirmar que este capítulo, até hoje, desconhecido, no campo filosófico, é a contribuição mais valiosa dos filósofos contemporâneos à História da Filosofia. Os estudos mais profundos foram publicados pelo filósofo Martin Buber (1), hoje professor da Universidade de Jerusalém. Também a Filosofia Existencial provocou o interesse pelo tema, principalmente os trabalhos de Karl Jaspers, autor da „Psicopatologia Geral“, e as análises fenomenológicas de Gabriel Marcel. Estudos semelhantes encontramos na **Teologia** evangélica e católica. O teólogo protestante Karl Heim repensou problemas teológicos, utilizando estes conceitos, e influenciou amplamente a filosofia, psicologia e ciência européias. Vemos, portanto, como este tema surge em vários pontos do panorama espiritual da atualidade, demonstrando a profunda preocupação antropológica, que domina a cultura moderna.

1. a) Como ponto de partida para as nossas considerações devemos examinar a dupla condição, que determina a situação humana. Um princípio dialético parece presidir a posição do homem dentro do seu mundo social. Em primeiro lugar podemos afirmar que o homem sempre vive entre outros homens, com os quais mantém contatos diversos, que demonimamos **condição social**. O ente humano não pode viver fora da sociedade: este necessita da presença dos outros homens e depende deles para a sua subsistência física e espiritual. Necessidade esta muito mais premente na civilização moderna; o ideal do Robinson hoje é irrealizável. Pensamos naquilo que já os antigos reconheceram quando definiram o homem como Zoon politikón — animal social. No entanto, constatamos o fato apenas como **condição** de vida para todo o ser humano: o homem, pelo fato de ser homem, vive dentro da sociedade. Não devemos, porém, concluir deste simples fato para uma „natureza social“ humana, isto é, o homem não é por „essência“ um animal social.

Pois verificamos em segundo lugar uma característica humana, que curiosamente se opõe àquela primeira condição e é representada pelo fato do homem também ser um **indivíduo**. Ele tem a vivência do seu Eu, diferente e separado dos outros Eus. Esta afirmação tem um duplo sentido. Por um lado, verificamos que o homem em suas relações com os outros toma consciência dolorosa de sua individualidade. Ele não pode transpor as fronteiras do seu Eu e quando quer transmitir um pensamento nunca saberá com certeza se o outro realmente o compreendeu. O outro é um todo independente e separado de nós. Sempre existe aquela barreira invisível e intransponível. O irmão, além da divisa, não pode pensar por nós ou tomar as nossas decisões. Devemos resolver os nossos próprios problemas. Nas situações últimas e mais difíceis estamos sós, sem podermos receber auxílio de fora. Observamos por outro lado que os demais homens representam um limite à existência humana. A sociedade impõe-lhe as fronteiras de sua ação; ela lhe cerceia a liberdade, que é um caráter fundamental

de seu ser-homem. No contato social o outro constitui uma ameaça constante ao seu ser.

b) Caracterizamos até aqui a antinomia da situação humana através de duas teses: por um lado o homem é indivíduo e por outro vive necessariamente dentro da sociedade. Na análise apareceram apenas os elementos **estáticos**. No entanto, se a situação possui verdadeira dialética, então deve apresentar-se altamente **dinâmica**. Isto já foi verificado por Goethe quando se referiu à „sístole e diástole“ das relações humanas. No sístole o homem se contrai, se concentra sobre si mesmo e expulsa todos os elementos estranhos. Na diástole, ao contrário, abre-se para receber as solicitações provindas do exterior. Com significado semelhante M. Buber emprega os conceitos „Urdistanz und Beziehung“: em analogia com o ato do conhecimento, em que o homem, para melhor conhecer o objeto, mantém uma certa distância d'ele, também há um distanciamento originário entre os homens para melhor aparecer o seu inter-relacionamento. Do ponto de partida por nós escolhido, podemos também tentar uma interpretação da Psicologia Individual de A. Adler. Esta psicologia reconhece duas tendências fundamentais humanas: a vontade de poder e o sentimento (feeling) de associação. A vontade de poder, fonte de auto-afirmação e de todo o progresso humano, isola o sujeito, distancia-o dos outros. Volta-se para o mundo e os outros com a finalidade única de domínio. O sentimento de associação opõe-se àquela; é ele que leva o homem à procura do outro, sem ele não pode existir o amor, a dedicação, a comunicabilidade. O interessante na teoria de Adler é que deve haver um equilíbrio entre estas duas tendências; o sentimento de associação deve interceptar a vontade de poder e garantir o homem contra os excessos desta. (2).

2. Afirmamos acima que o homem vive sua condição social e que dentro da sociedade mantém relações com os seus semelhantes. A nossa análise deverá distinguir agora os dois grandes grupos ou tipos de relações inter-humanas: o **contato superficial** e o **profundo**. Desde já acentuamos que entre êstes dois tipos existe uma diferença qualitativa e não apenas quantitativa. A sua qualidade é determinada pelo fato de serem inautênticas ou autênticas. (Seja permitido introduzir aqui êstes conceitos de valor, pois eles permitem uma melhor diferenciação fenomenológica).

As relações humanas superficiais e inautênticas são aquelas em que há apenas um contato espacial, sem compreensão dos motivos íntimos da vida e ação do próximo. Devemos citar aqui em primeiro lugar os resultados da moderna Psicologia da Massa, ainda não suficientemente aproveitados pela psicologia oficial de escola. Le Bon, Ortega y Gasset, alguns representantes da Filosofia Existencial e muitos outros retrataram fielmente o moderno „homem-massa“. Êste perdeu sua liberdade, a consciência de sua responsabilidade e está sujeito ao domínio impessoal da massa e da propaganda anônima.

Neste mundo dos cartazes berrantes (Plakatwelt), do sensa-

cionalismo barato e das diversões constantes, êle só consegue manter contatos fugazes. No entanto, há momentos nesta vida, em que o homem pensa poder estabelecer relações mais duradouras e mais firmes, erguidas sôbre o fundamento da afetividade. Estas relações afetivas queremos analisar com mais minúcia. Nelas o outro é considerado mero objeto. A nossa energia afetiva busca algo a que ligar-se. Por isso o têrmo da relação não precisa ser necessariamente um ser humano; também pode ser fixada a afetividade sôbre um animal de estima, por exemplo. Incluindo assim o objeto visado dentro da esfera do nosso afeto, êle como que se torna propriedade nossa. Por isso violamos a dignidade do outro, não respeitamos a sua liberdade e faltanos a consciência de responsabilidade dum ser humano pelo outro. Estas relações são ego-cêntricas, pois o Eu continua permanecendo isolado. Pode haver uma correspondência de sentimentos vagos e indeterminados, que porém não expressam a comunhão de dois sêres. É a fuga comum numa sentimentalidade vulgar e significa uma harmonia superficial, em que a indolência reprime tôdas as interrogações. A necessidade ontológica do Tu, então se exprime num violento desejo de possuir o outro. Tenta-se a satisfação desta necessidade pela entrega completa ao outro, que no fundo não é nada mais do que um perder-se para o outro e uma fuga de si mesmo. Entrega-se o homem a vagas de sentimento, que sempre levam partes de seu sêr sem trazer-lhe algo de volta. Perde-se assim a si mesmo e escapa-lhe totalmente o outro.

O contato profundo e autêntico entre homens revela-se em tais situações muito humanas como a amizade, o amor. Referindo-nos àquilo, que Jaspers (3) designa de „comunicação existencial“. Não podemos repetir as análises de Jaspers, apenas queremos rapidamente indicar o seu conteúdo com alguns traços esquemáticos. A base desta relações é a camada mais íntima da estrutura humana, muito mais profunda do que a afetiva, a camada existencial: a comunicação é, portanto, o contato de duas existências. O outro não é objeto apenas; o Tu é descoberto como uma nova dimensão do homem. Por isto, tal relação só é possível entre sêres humanos. Estabelece-se um diálogo entre o Eu e o Tu, em que é respeitada a individualidade e a liberdade de ambos, mas em que se obtém o máximo de proximidade com o outro. Na comunicação é superada pela primeira vez o isolamento do Eu. São subordinadas a ela como subcategorias a sinceridade absoluta para com o Tu, a responsabilidade pelo e a disponibilidade para o outro.

A distinção entre contatos superficiais e profundos também tem uma certa importância para o médico e principalmente para o psicoterapeuta. Pois as relações entre médico e doente sempre devem ser dêste último tipo e, portanto, obedecer as suas três subcategorias. Tôda a psicoterapia significa um conduzir e dirigir do doente. Tôda condução autêntica só é possível quando existe uma comunicação verdadeira. A psicanálise descreve fatos semelhantes pelo conceito da „transferência“ e explica como o doente experi-

menta em relação ao médico tôdas as dificuldades e os fracassos de contato, que teve na sua vida familiar remota. Após reconhecer durante a análise os erros nesses seus primeiros contatos sociais, deve desfazer a ligação afetiva ao médico. No entanto, parece-nos mais acertado que esta ligação seja transformada numa autêntica relação inter-humana, naquilo que o indivíduo desconhece e de que sente falta. Nunca nos esqueçamos que um „médico humano“ deve pôr em jôgo todo o seu sêr, a sua humanidade.

3. A dupla condição em que vive o homem, e que nos serviu como ponto de partida, permite também esclarecer alguns pontos da psicologia médica e da psicopatologia. O homem deve tentar harmonizar a antinomia de sua vida e achar a síntese de sua posição dialética. Já reconhecemos a alta dinamicidade desta situação, que empresta uma atenção vital a tôda existência humana. No entanto, sempre há a possibilidade de se processar um desequilíbrio. Há então algo como uma cisão, uma dissociação do íntimo humano. Esta possibilidade de divisão íntima, presente em todos os homens, significa que o homem tem fundamentalmente uma estrutura „esquizofrênica“. Está de acôrdo esta idéia com as teorias do psiquiatra Ernst Speer, como expostas no seu livro: „Die Liebesfähigkeit“ (4). As idéias do professor Speer nos parecem bastante interessantes e por isso queremos apresentá-las menos com a preocupação de subscrevê-las totalmente do que com a finalidade de discussão e interpretação dos fatos.

Para êste autor a estrutura fundamental e normal de tôda personalidade é a „esquizofrênica“. Se quisermos esclarecer bem, êste conceito „esquizofrênico“, como é aqui empregado, então devemos compará-lo com o conceito correspondente empregado por Kretschmer do Temperamento „esquizotímico“. Ambos os autores partem da observação que certas pessoas perfeitamente normais apresentam traços de caráter, que reaparecem semelhantes, porém, muito mais fortemente acentuados como sintomas na esquizofrenia.

Bleuler já tinha definido anteriormente êstes casos como „esquizofrenias latentes“. Kretschmer (5), porém, os inclui na sua classificação dos temperamentos. Pertencem êles ao temperamento esquizotímico, que aparece na sua tipologia ao lado dos temperamentos ciclotímico e viscoso. Êle não considera estas pessoas como portadoras de uma esquizofrenia inicial ou latente. Ao contrário, „a psicose pode ser considerada uma caricatura de determinados tipos normais de personalidade“. Speer discorda da teoria de Kretschmer no seguinte ponto: êle não reconhece uma forma típica fundamental, que teria as características principais do tipo esquizotímico. O temperamento ciclotímico seria uma subforma dêste. Por isso, também só considera „uma forma fundamental de degeneração da personalidade. Todos os quadros degenerativos, que aparecem sob esta forma fundamental, são esquizofrênicos. . . Portanto, também, há apenas uma forma de doença mental que é a esquizofrenia“. (6) Podemos dizer que há uma linha con-

tínua, que vai desde o „normal“, que já tem uma estrutura esquizofrênica, até o doente portador duma esquizofrenia completamente catatônica. Sôbre esta linha queremos mostrar algumas atitudes, que se prestam extraordinariamente bem para uma interpretação sob o ponto de vista da psicologia do contato.

a) Queremos em primeiro lugar descrever um tipo situado sôbre esta linha, mas ainda em plena região da normalidade. A êle pertencem personalidades, em que a diferença das exigências individuais e sociais produz uma „alta tensão“, que determina uma atitude de inibição social. Neste tipo aparece claramente a estrutura esquizofrênica fundamental comum a todos os homens; por isso o denominamos „homem-esquizofrênico“ ou „esquizo-tipo“ em oposição ao psicopata, que sofre de esquizofrenia. Speer introduziu nas últimas edições de seu livro o conceito do „Sonderling“, que quer designar um „tipo esquisito“. Não existe tradução exata para êste têrmo; portanto, para tornar mais compreensível esta descrição evoquemos a figura de Dom Casmurro, personagem criado por Machado de Assis. O Dom Casmurro é um verdadeiro „Sonderling“ ou „esquizo-tipo“, que se caracteriza pela incapacidade de estabelecer e manter contato com os seus semelhantes. Representa aquelas pessoas, que têm inúmeras dificuldades nas suas relações com o outro, e não possuem a energia psíquica necessária para superá-las. Quando entram em contato com o TU logo um curto circuito obriga-os a retirarem-se para a sua própria concha. Por isso, sempre vivem um pouco retraídos e afastados dos outros e nos parecem reservados e até estranhos. Estas pessoas cansam mais rapidamente no convívio social e por isso o evitam. A sua reação corresponde a uma atitude fisiológica: quando estamos durante longo tempo junto com outras pessoas, então podemos observar que o contato se torna cada vez mais fraco e os outros até nos aborrecem. O exemplo de Dom Casmurro poderia levar-nos a pensar que o caráter destas pessoas seria de origem reativa. Pois, Dom Casmurro só se retirou desenganado dos homens para o seu mundo isolado do „Engenho Novo“ após sofrer a grande desilusão de sua vida. No entanto, o caráter do esquizo-tipo é de origem constitucional. No próprio Dom Casmurro, quando jovem, podemos descobrir traços de caráter, que deixam pressentir o seu futuro.

Progredindo mais um passo nesta linha para o anormal, entramos no campo das neuroses, sem que haja um limite nítido, e também aqui encontramos atitudes de franca deficiência de contato. Se considerarmos apenas alguns traços essenciais à neurose como o egocentrismo, o temor, a insegurança e falsidade (7), verificamos que todos êles são fatores de separação e destruição do contato humano. Finalmente devemos também citar o esquizofrênico que apresenta forte degeneração psicopatológica, no qual a capacidade de contato com o mundo dos homens e das cousas está reduzida ao mínimo.

b) Devemos em seguida apresentar três aspectos importantes da vida do esquizo-tipo. O primeiro refere-se ao **Complexo de**

**Édipo** que aparece frequentemente nos tipos esquizo-tímicos e na linguagem esquizóide. Para Freud os momentos mais importantes nesse complexo são o „ódio ao pai“ (desejo da morte dêle) e desejos incestuosos em relação à mãe. No entanto, Speer achou em sua experiência clínica que em muitos casos esta explicação não satisfazia, porque postulava uma situação inexistente. Ele tentou, portanto, uma nova interpretação do complexo de Édipo, válido, não em todos — mas em muitos casos: sabemos que o esquizo-tipo tem uma incapacidade de contato constitucional e que em sua família geralmente há membros com a mesma característica. Compreendemos, agora, que o Complexo de Édipo pode muito bem ser expressão de uma dificuldade de contato no meio familiar, considerando principalmente que sempre haverá uma certa divergência entre as gerações. Se há falta de compreensão e comunicação insuficiente entre pai e filho, s eambos vivem um ao lado do outro sem conseguir formar uma relação de confiança e amor, então necessariamente produzir-se-á o choque. Pois, sempre o filho experimenta o pai como uma limitação à sua liberdade e suas possibilidades e para o pai representa o filho uma ameaça como príncipe herdeiro e pretendente a seu próprio trono e posição. Concluimos daí que o homem, constitucionalmente esquizofrênico, deve aprender no seio da família a manter relações verdadeiras e harmoniosas num autêntico convívio social; se isto não acontecer, então sentirá as conseqüências por tôda a sua vida.

Analisemos em segundo lugar os **sentimentos de culpa**, que os tipos esquizóides apresentam com frequência acompanhados de idéias de suicídio. Devemos lembrar antes de tudo que a experiência da culpabilidade é expressão da situação básica humana e pode ser vivida por todos os homens, conforme tem mostrado a Filosofia Existencial. Apresenta-se semelhante e ligado ao conceito da „angústia“ tão fecundamente explorado por esta filosofia. Para melhor compreensão do sentimento de culpa, quando presente com intensidade anormal, examinemos os conceitos de culpa e pecado relacionados entre si. O pecado representa para o crente o rompimento dos laços que o unem a Deus; êle sente-se culpado por esta perda de contato com o Divino. Não poderá o homem sentir-se igualmente culpado quando perde o contato com os seus próximos. O conceito de culpa só tem sentido perante um ser pessoal: O Eu só pode sentir-se culpado frente a um Tu. Tal fato nos prova que êste conceito vale apenas no plano das inter-relações humanas.

Estas interpretações são confirmadas por uma série de observações feitas pelo autor em esquizo-tipos. Um fato muito frequente é que tais pessoas encontram tôda uma série de obstáculos no caminho para o casamento. Também dentro do matrimônio encontram novas dificuldades, que são muitas vezes traduzidas por uma variedade de sintomas, que podem ser enquadrados nos amplos conceitos de **Impotência** e **Frigidez**, que abrangem um grande número de manifestações. Como explicar tais observações? No casamento o homem pode realizar as relações profundas de mais

alto valor. Representa êle a comunidade de duas pessoas, que se unem tão intimamente que formam uma nova e comum „**unidade**“. Esta vivência de comunidade constitui a essência e o valor do matrimônio e não as experiências secundárias de satisfação ou prazer fisiológicos. Por isso, exige de ambos os parceiros uma grande capacidade de adaptação e contato. Torna-se claro, agora, que o esquizo-tipo, que justamente se caracteriza por tal incapacidade, tem uma grande resistência ao casamento. Êle tem medo diante do compromisso, que o irá prender por tôda sua vida. Nas suas relações sociais aparece um certo grau de passividade; êle não procura pessoas de outro sexo. Êle parece autossuficiente — parece, mas não é. Não que êle não tome a sério as suas relações com o outro. Êle simplesmente não pode manter o contato, porque lhe falta a força para tal. Aqui começa a tragédia, dêste tipo, que o leva a reações tão estranhas e esquisitas. Êle sente imensamente a falta do outro. Pois, necessita tanto ou mais, quanto o resto dos homens do amparo e abrigo, que a coexistência humana oferece na luta diária. Com isto entra num círculo vicioso: a incapacidade de contato determina nele uma enorme insegurança interior; mas esta mesma insegurança dificulta ainda mais qualquer comunicação com o Tu. Nesta situação com frequência acha duas pseudosoluções: ou cria artificialmente desprezo e ódio contra o outro sexo; Nietzsche e Schopenhauer são os exemplos clássicos desta atitude, também adotada muitas vêzes pelo adolescente quando entra numa fase de dificuldades sociais. Ou torna-se um Dom Juan, que procura esquecer nos braços de muitas ou muitos o seu fracasso em chegar à comunhão completa com um só Tu. Aqui é tarefa da psicoterapia de mostrar-lhe a saída certa do círculo vicioso.

No fim dêste parágrafo queremos chegar a uma breve conclusão sôbre o objetivo de tôda psicoterapia, que poderíamos formular assim: nem sempre basta analisar a situação inconsciente duma pessoa para resolver seus problemas. Em muitos casos uma psicoterapia conscientemente humana deve mostrar à pessoa um caminho positivo e concreto para sair da situação e evitá-la futuramente, deve completar a análise com uma verdadeira psicossintese.

4. Por fim queremos tratar ainda de um problema central da psicologia do contato: o problema da **solidão humana**. O esquizo-tipo é o protótipo do homem solitário. Pode parecer estranho que uma psicologia dêste tipo estude com tantos detalhes situações que se caracterizam pela ausência do contato. No entanto, êstes fenômenos são „situações-limites“, que nos revelam aspectos novos do contato inter-humano. Além disto, o problema possui grande atualidade, pois, ousamos fazer a afirmação de que o homem moderno é essencialmente um homem solitário. Encontramos manifestações desta „solidão moderna“ nos mais diversos campos da atual cultura. Aparecem exemplos na literatura e pintura, na poesia e no teatro, na filosofia e sociologia. Parece opôr-se a esta tese o fato, que uma das mais completas obras sôbre o tema já foi pu-

blicada em 1784-85 pelo médico suíço Johann Georg Zimmermann: „Über die Einsamkeit“ (em 4 volumes). Naturalmente sempre houve pessoas solitárias; entre elas conhecemos nos séculos passados uma série de artistas e filósofos importantes como Dante, Descartes, Rembrand, Rousseau (8), Toureau e Cezane. No século XIX viveram pensadores como Nietzsche e Kierkegaard e artistas como Dostojewski e van Gogh, que viveram e profeticamente descreveram o rosto solitário do homem moderno. Êste parece tender particularmente à vida isolada, fato que aparece mais acentuado nos habitantes das grandes cidades. Uma interessante análise dêste tema com boas e vastas indicações bibliográficas encontramos num artigo do professor Donald Brinkmann na revista „Psychologische Rundschau“ (Goettingen, III/1 — 1952).

Se quisermos localizar a fonte da solidão humana no nosso esquema inicial, então achamos que provém daquele primeiro princípio de individualização. Não devemos, porém, esquecer o sentido dinâmico de tal princípio: vivemos a nossa individualidade em oposição e como separação dos outros homens. Por isso afirma o professor Brinkmann que o problema só pode ser resolvido pela psicologia do contato e nunca por uma psicologia individualista. Pois, continua êle, solidão não é um fenômeno espacial, não significa estar só fisicamente. Podemos dizer que o ermitão da idade média estava mais próximo dos homens do que o funcionário duma superfábrica moderna. A solidão sempre tem o sentido de isolamento e exclusão pela sociedade e de negação desta por parte do indivíduo. A solidão define-se em função da sociedade. Já é um fato expressivo o parentesco entre as palavras „soledade e saudade“. Traduz êle todo o anseio da pessoa em soledade pelo convívio com os seus semelhantes. Devemos também tocar aqui na pergunta se a tendência ao isolamento diante dos outros homens não provém do Tipo Introverso, ao qual estas pessoas pertenceriam. Queremos reafirmar a nossa opinião que ela provém de um princípio primeiro, uma condição geral de todo ser humano. Contestando aquela tese perguntaríamos apenas o seguinte: não sentirá o Tipo Extroverso intimamente maior solidão do que o Introverso? Pois, devido a sua facilidade de contato e de expressão tende a contatos superficiais; e sua constante atividade social não será uma fuga desta solidão?

Do precedente segue-se que o indivíduo solitário e isolado pode ter uma dupla vivência de sua solidão: êle pode atribuir-lhe um valor altamente positivo ou então pode experimentá-la negativamente, como algo deprimente, como uma deficiência de sua personalidade. Quando tem apenas vivência do seu desvalor procura fugir-lhe, lançando-se a diversões e a uma variedade de relações superficiais e fictícias. Esquece-se, porém, que assim não consegue superar verdadeiramente a solidão. Também no domínio da patologia ela é em muitos casos — não em todos — experimentada pelo doente com uma desvalorização de sua personalidade. É finalidade da psicoterapia nesses casos mostrar como a solidão pode ser valo-

rizada e como ela representa o primeiro passo para autênticas relações inter-humanas. Devemos exigir não a fuga da solidão, mas a sua superação, que só torna-se possível quando ela é positivamente vivida e suportada. Examinemos, portanto, a solidão autêntica e positiva do ser humano:

Em primeiro lugar deve ser lembrada a observação já mencionada por Speer que o isolamento tem um sentido fisiológico de refazer as energias no contato. Em outro plano observa-se o fato correspondente que a solidão é necessária para a auto-reflexão e para a meditação do homem sobre si mesmo e seu destino. Podemos constatar tal atitude nos dois tipos representados pelo jovem e pelo poeta. Na adolescência o homem vive pela primeira vez conscientemente a separação dos seus semelhantes. O jovem descobre-se como um Eu diferente e isolado dos outros. Com esta vivência da autonomia do Eu surge também a consciência da sua responsabilidade. Pois, se o Eu é autônomo e independente também é responsável por seus atos e suas atitudes. Na tendência ao isolamento do jovem parece haver uma concentração de tôdas as energias, que depois, constituirão a fonte de produtividade do adulto. Fenômeno semelhante aparece no exemplo de artistas e espíritos criadores em geral. O artista necessita desta reflexão; as grandes obras só nascem duma „solidão criadora“, que é mais do que simples isolamento físico. O artista rompe o contato com as cousas, para mergulhar nas profundezas do próprio interior, de onde volta para comunicar-se mais intimamente com o mundo dos homens e das cousas. Foi R. M. Rilke, o poeta moderno, que possivelmente viveu com maior intensidade a solidão dos homens de nossa época. Experimentou êle a sua amargura e o temor, que ela inspira. Mas também soube que ela é fecundamente criadora. Por isso Rilke postula nas suas Elegias de Duino uma dupla superação: a superação e o desprendimento dos múltiplos contatos superficiais nos levam à solidão da existência verdadeiramente humana. Mas tal situação também deve ser superada, pois, promete relações do tipo mais profundo e autêntico. Como isto é possível, veremos nas considerações seguintes: para que possa existir uma relação entre o Eu e o Tu deve haver uma separação entre ambos. Na massa não há distância entre os indivíduos, ela é homogênea e por isso não há relacionamento autêntico. Para fazer-se um diálogo devem os parceiros manter posições distintas. Para produzir-se uma corrente deve haver uma diferença de potencial. Na solidão atingimos esta „distância dialógica“ do Tu. A solidão está colocada no caminho que conduz para o Tu, entre as relações superficiais e profundas. É ela o pórtico diante de todo contato verdadeiramente humano. Por êste pórtico devemos passar para receber de mãos amigas o cálice da comunhão fraternal.

- 1) M. Buber: *Dialogisches Leben* — Zürich 1947.
- 2) Cf. Rudolf Allers: *Psicologia do Caráter* — Agir 1951.
- 3) Karl Jaspers: *Philosophie* — Springer Verlag, Heidelberg 1948.

- 4) Speer: Die Liebesfähigkeit — Lehmanns Verlag, München 1953. Outra obra de Speer: Der Arzt der Persönlichkeit — Stuttgart 1949.
- 5) Ernest Kretschmer; Koerperbau und Charakter — Springer Verlag 1951.
- 6) Speer: Liebesfähigkeit, pg. 22.
- 7) Cf. Allers: Psicologia do Caráter, cap. VII.
- 8) J. J. Rousseau: Les Rêveries d'un Promeneur Solitarie (1781). Cf. O capítulo sobre Rousseau no livro de Kretschmer: Geniale Menschen — Springer Verlag 1948.

\*

### Personalia:

Als neuer hauptamtlicher Dozent kam Ende vergangenen Jahres Amtsbruder Heinr. Tappenbeck an die Theologische Schule in São Leopoldo. Er ist 1925 als ältester Sohn eines Pfarrers in Bremerhaven geboren. Seine eigentliche Heimat wurde Bethel bei Bielefeld, wohin sein Vater 1935 als Mitarbeiter an der Westfälischen Diakonissenanstalt „Sarepta“ berufen wurde. Hier begann er auch nach Beendigung des Krieges, den er gegen Ende noch als Soldat mitmachen musste, das Theologiestudium. Gerade die enge Verbindung von Lehre und Dienst in Bethel wirkte entscheidend auf die Richtung in seinem Leben ein. Ausser in Bethel studierte er in Heidelberg und Bonn. Von September 1951 bis Juni 1952 war er zu einem Studienaufenthalt in England, wo er durch viele persönliche Begegnungen in einen lebendigen Kontakt mit ökumenischen Fragen kam. Vor dem zweiten theol. Examen war er etwa ein und einhalbes Jahr als Assistent an der Theologischen Schule in Bethel. Seit 1954 war er als Pfarrer in der Gemeinde Bönen in Westfalen tätig. Er wird an der Theologischen Schule in São Leopoldo hauptsächlich in den systematischen und neutestamentlichen Fächern Vorlesungen halten.

Wir begrüßen ihn und seine junge Frau recht herzlich und wünschen ihm Gottes Segen für seine Arbeit und sein Hiersein.

Weiterhin begrüßen wir Amtsbruder Fenske, der um die Jahreswende zu uns kam. Er ist 1928 in Hamm als Sohn eines CVJM-Sekretärs geboren. Während seiner Soldatenzeit am Ende des Krieges fiel in ihm die Entscheidung zum aktiven Dienst für Christus, auch wenn er sich selbst damals noch nicht vorstellen konnte, wie das jemals aussehen würde. Nach dem Krieg war er vorübergehend als Hilfsarbeiter in einer Fabrik tätig. In dieser Zeit half er mit beim Aufbau der Gemeindejugend. Als nach einem Jahr die Schule wieder begann, freute er sich, sein Ziel weiter verfolgen zu können. Aber wirtschaftliche Notstände brachten neue Hindernisse. Er musste die Schule verlassen und eine kauf-